

## **SCENE ON RADIO**

### **"Ao Vencedor"**

**5ª Temporada / Episódio 2:  
Transcrição em Português**

00:43 [A 5ª temporada é apoiada por vocês, nossos ouvintes, e pela International Women's Media Foundation.]

**John Biewen:** Amy, talvez algumas pessoas vão perguntar: O que as Cruzadas tem a ver com uma série de podcasts sobre a crise climática?

**Amy Westervelt:** Sim. Foram guerras religiosas há mil anos, não é? Ou seja, violência e dominação? Um grupo impondo sua vontade no resto do mundo? Para mim, faz sentido se você toma em conta como chegamos a toda essa bagunça. Se você tem uma perspectiva mais ampla e uma visão cultural, as Cruzadas, definitivamente, fazem parte da história.

**Som de filme, Arn: O Cavaleiro Templário:** [Som: música, mulher cantando, cascos de cavalo.]

**Sacerdote:** Você viajará primeiro para Roma e de lá para a Terra Santa.

**Arn:** Padre, eu....

**Monge:** Você será um Cavaleiro Templário, um soldado a serviço de Deus.

[Música de filme: som de cordas aumentando]

**John Biewen:** O som é de um filme lançado em 2007. É chamado "Arn: O Cavaleiro Templário".

**Amy Westervelt:** [rindo] Arn? É o nome do personagem principal?

**John Biewen:** Sim, Arn. Ele é um guerreiro fictício do século XII na Suécia. Cinco países do norte da Europa financiaram essa produção. E eu preciso dizer que eu fiquei surpreso ao ver a seriedade do filme e como é quase nostálgico em relação as Cruzadas.

**Amy Westervelt:** Caramba, John. Eu não vi esse filme. É demais para a indústria

cinematográfica de esquerda radical que “odeia valores pró-ocidentais”.

**John Biewen:** O filme retrata esses guerreiros europeus lutando em nome do cristianismo como homens de grande sinceridade e honra. Principalmente Arn.

**Amy Westervelt:** Bem, talvez não devêssemos ser tão cínicos. Durante a Idade Média na Europa e no Oriente Médio, a religião realmente dominou a vida em quase todos os sentidos.

**John Biewen:** Verdade. Uma revisão rápida: Muhammed estabeleceu o Islã no século VII. Cristãos e muçulmanos muitas vezes vivem em paz como vizinhos e fazem negócios uns com os outros. Mas, eventualmente, as duas religiões começam a entrar em conflito, principalmente em razão da necessidade de conquistar almas e territórios.

**Amy Westervelt:** Certo. Os líderes da Igreja ficaram magoados demais com o controle da Terra Santa pelos muçulmanos. Há um discurso que os historiadores costumam chamar de ponto de partida para as Cruzadas. Em 1095, o Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, convocou os cristãos para lutar.

**John Biewen:** Segue aqui um relato do discurso do Papa.

03:22

**Papa Urbano II, dublagem:** Todos que morrem pelo caminho, seja por terra ou mar, ou em batalha contra os pagãos, terão remissão imediata dos seus pecados. Pelo poder de Deus com o qual estou comprometido, isso eu concedo a eles. Oh, que desgraça se uma raça tão desprezada e vil que adora demônios conquistou um povo que tem a fé de Deus onipotente e é glorificado com o nome de Cristo!

**O filme Arn: O Cavaleiro Templário:** [Som: música dramática, espadas em punho.]

**Arn:** Agooooooraaaa!

[Som: Cavalos correndo, música]

**John Biewen:** Em relação as Cruzadas, a igreja cristã realmente, como nunca antes, abraçou a violência em grande escala contra os não-cristãos. Quando os cruzados tomaram Jerusalém de um califado muçulmano em 1099, após um cerco,

os vencedores cristãos massacraram milhares de muçulmanos e judeus. Alguns historiadores disseram que as Cruzadas mostram a influência do Império Romano no início do cristianismo.

**Amy Westervelt:** Roma tinha o hábito de lançar guerras contra os chamados "bárbaros". Os cristãos fizeram o mesmo, chamada a "Guerra Santa".

**John Biewen:** E não foram apenas os muçulmanos ou as grandes guerras na Terra Santa. Durante os anos das Cruzadas, os camponeses cristãos realizaram pogroms e massacraram judeus em varias regiões da Europa.

**Amy Westervelt:** Tornou-se muito comum a perceber as Cruzadas como uma forma inicial do imperialismo ocidental no Oriente Médio, semelhante ao que aconteceria séculos depois. Mas alguns historiadores dizem que devemos ter cuidado com esta análise. A Idade Média era um mundo diferente, dizem eles, e a principal motivação era o fervor religioso, ou talvez o desejo de ganhar uma passagem para o céu. Não se tratava, particularmente, de pilhagem. Porém, existem relatos daquele discurso do Papa Urbano Segundo onde ele se refere ao território limitado da Europa, "fechado por todos os lados pelo mar... estreito demais para sua grande população".

**John Biewen:** E o Papa fala sobre a Terra Santa de forma encantadora.

05:35

**Papa Urbano II, dublagem:** Ingressa na estrada para o Santo Sepulcro; arranquem esta terra de uma raça ímpia e sujeitem-na a si mesmos. Aquela terra que, como diz a Escritura, "mana leite e mel", foi dado por Deus na posse dos filhos de Israel. Jerusalém é o umbigo do mundo. A terra é fértil acima das outras, como mais um paraíso de delícias.

**John Biewen:** Você tem que gostar do trecho sobre Jerusalém sendo o umbigo do mundo. E, claro, a luta pelo domínio da Terra Santa continua até hoje.

**Amy Westervelt:** No final, os cruzados perderam Jerusalém. Mas a era da colonização começa alguns séculos depois.

[música]

**Amy Westervelt:** E agora estamos chegando lá, chegando ao ponto em que a Europa Ocidental, que logo se autodenominaria o mundo "branco", começa a se

deteriorar em grande escala.

[Música: Tema]

**John Biewen:** Desde o Center for Documentary Studies da Duke University, esta é Scene on Radio, 5ª temporada: O Reparo. Episódio dois. Eu sou John Biewen.

**Amy Westervelt:** Eu sou Amy Westervelt. Nesta temporada sobre a crise climática, estamos analisando como e por que a humanidade, ou seja, algumas culturas, muito mais do que outras, deu errado em nossa relação junto a terra e nossos semelhantes que vivem na terra também. Depois, vamos visitar países que não estão responsáveis por esta crise ecológica, mas fazem esforços contra seu impacto desastroso.

**John Biewen:** Desta vez, retomamos de onde paramos no primeiro episódio - na Europa, e agora vamos chegar no segundo milênio da era cristã. Você deve escutar o primeiro episódio caso que não o fez. A história começa lá.

**Amy Westervelt:** Falamos sobre o livro do Gênesis, a história da criação onde Deus dá à humanidade o "domínio" sobre o mundo natural, dizendo ao "homem" para "subjugar" a terra e "governar" outras criaturas. Mas, como já falamos: o texto não levou a maioria dos judeus ou dos primeiros cristãos a intensificar a exploração da terra ou de outros seres vivos.

**John Biewen:** Não, imediatamente.

**Amy Westervelt:** Certo. Então, John, é aqui que você volta a história. Vamos conversar em breve.

**John Biewen:** Ok.

**John Biewen:** No primeiro episódio, conversamos sobre o "domínio" como se fosse uma espécie de autorização divina. Porém, as pessoas que crêem na Bíblia, elas não implementaram este conceito com tanta força por mais de um milênio. Claro, as pessoas exploraram a terra no sentido direto da palavra - elas a usaram para viver. Eles aravam o solo para plantar. Eles domesticaram e mataram animais para se alimentarem e se aquecerem. Eles extraíram alguns metais. Mas em grande parte do mundo, as pessoas faziam essas coisas antes do livro do Gênesis. Outras ações destrutivas do cristianismo ocidental, justificadas pela afirmação do

“domínio” dado por Deus, viriam depois. Algo semelhante aconteceu com outra escritura bíblica, ou seja, mais uma autorização. Vem do Evangelho, da Bíblia Cristã - aquelas linhas no capítulo 28 de Mateus, freqüentemente chamadas de a Grande Comissão. Jesus está conversando com seus seguidores depois da sua ressuscitação da sepultura.

09:06

**Jesus, Mateus 28:19, dublagem:** Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a obedecer a tudo quanto vos tenho ordenado.

**John Biewen:** “Faça discípulos”, “batize”, “ensine”. Parece um exagero ouvir essas palavras e pensar: vá e conquiste pessoas não-cristãs, tome suas terras e seu ouro, escravize-as e cometa genocídio. Porém, as nações cristãs, lideradas por reis e pela igreja, justificariam tudo isso - sob a Doutrina da Descoberta no século XV.

**Papa Nicolau V, Dum Diversas, dublagem:** Como nos entendemos de seu desejo piedoso e cristão, você pretende subjugar os inimigos do Cristo....

**John Biewen:** O Papa Nicolau V escreveu esta bula papal, um édito oficial, em 1452. Dirigida ao Rei Afonso de Portugal, a carta refere-se aos sarracenos, uma palavra que significou muçulmanos naquela época, mas também a “pagãos”. Incluiu o povo africano que a realeza portuguesa começou a seqüestrar e escravizar.

**Papa Nicolau V, dublagem:** E concedemos-te, por este édito, devido à autoridade apostólica, poder total e livre para invadir, conquistar, dominar, subjugar os sarracenos e pagãos e outros infiéis e outros inimigos de Cristo... e reduzir as suas pessoas a escravidão perpétua

**John Biewen:** O decreto dá permissão à coroa portuguesa para conquistar não apenas pessoas que não são cristãs, mas também seus territórios de origem. Terras desocupadas por um reino cristão é *terra nullius* - uma expressão latim que significa "terra que pertence a ninguém." Assim temos a Doutrina da “Descoberta.” Os descobridores. Quarenta anos depois, o Papa Alexandre VI emite a Bula Papal de 1493. Poucos meses após a primeira viagem de Colombo ao "Novo Mundo", o documento dá à Espanha e Portugal o sinal verde para colonizar as Américas e subjugar os povos indígenas. Acontecerá, escreve o Papa, "com a orientação do Senhor", "para a felicidade e glória de toda a cristandade".

**Papa Alexandre VI, dublagem:** ... e que as nações bárbaras sejam derrubadas e trazidas à própria fé.

[Música]

**John Biewen:** Você vai se lembrar caso que ouviu *Seeing White*, nossa série da 2ª temporada: o nascimento do comércio de africanos escravizados no Atlântico em 1400 marca uma virada profunda para o ocidente e para o mundo. A decisão de sequestrar e escravizar africanos leva os europeus a inventarem a “raça” - negritude, branquitude, supremacia branca - para justificar essa brutalidade. Ao mesmo tempo, a mudança para uma economia intercontinental em ascensão, baseada na escravidão, alavanca a mudança da Europa, do feudalismo para o capitalismo. Os historiadores, especialmente na tradição negra radical, dizem há muito tempo que esses dois enormes acontecimentos históricos - a supremacia branca e o capitalismo globalizado - equivalem a um fenômeno: o capitalismo racial.

12:11

**Charisse Burden - Stelly:** O capitalismo racial significa que você não consegue entender a exploração capitalista e a economia mundial capitalista, sem entender os processos de racialização e as formas de hierarquia racial que constituem esse sistema.

**John Biewen:** Esta é Charisse Burden - Stelly. Ela ensina teoria e história política no Carleton College de Minnesota e quando nós conversamos ela foi uma pesquisadora visitante da Universidade de Chicago. O que realmente havia de novo em relação a capitalismo racial? A maioria das sociedades medievais apresentava hierarquias e formas de escravidão e exploração econômica. Na Europa foi o feudalismo. A nobreza domina a terra e os camponeses sobrevivem com uma subsistência escassa enquanto entregam parte das suas safras. Outras sociedades praticavam a escravidão com base num sistema de casta, ou arrastavam pessoas como espólios de guerra para fazer trabalho braçal para seus senhores. Mas a Europa Ocidental, num passo como o mundo nunca tinha visto antes, desenvolveu um sistema de escravidão racializada massivo com o fim de acumular riqueza.

**Charisse Burden - Stelly:** Como muitos estudiosos notaram, a escravidão tem sido uma característica de muitas sociedades. Mas a escravidão, como sistema econômico e com base de um determinado modo de produção é

algo único - começando desde o século XV, século XVI em diante.

[Música]

**John Biewen:** Charisse aponta para o trabalho de historiadores como Gerald Horne, que traça a mudança na Europa no final da Idade Média, de sistemas de dominação baseados na religião para sociedades construídas sobre raça - eventualmente, uma Europa definida pela branquitude. Como vimos na segunda temporada, a branquitude surgiu junto a outro aspecto explícito e contundente— anti-negritude

**Charisse Burden - Stelly:** A negritude nem sempre foi reduzida dessa forma, à pilhagem e a percepção da África como o continente escuro porque se você olha para os séculos XII e XIII, existem representações positivas de santos africanos. Existem relações de intercâmbio que são, mais ou menos, igualitárias. Existem lugares como o Império do Mali que atraem europeus por causa da sua vasta riqueza. Lembre-se do Mansa Musa...

14:37 **John Biewen:** Mansa Musa foi o líder do Império Islâmico do Mali no século XIV. Ele era conhecido por distribuir enormes quantidades de ouro e construir grandes bibliotecas e universidades em Timbuktu. Mas a grande mentira que os traficantes de escravos começaram a contar, sobre uma raça africana inferior e “bestial”, se espalha na Europa um século depois e fica. Esta narrativa empurra as pessoas consideradas “não-brancas” para uma categoria separada - pessoas que as elites europeias reivindicam o direito de controlar, subjugar e explorar. Aqui está Karl Marx, na década de 1850, descrevendo a transição da Europa para o capitalismo:

**Karl Marx, dublagem:** A descoberta das terras de ouro e da prata, na América, o extermínio, a escravização e o sepultamento da população nativa nas minas, o começo da conquista e pilhagem das índias orientais, a transformação da África em um cercado para caça comercial às peles negras marcam a aurora da era de produção capitalista.

**John Biewen:** Observe como a descrição de Marx sobre o nascimento do capitalismo, inclui tanto a exploração violenta de pessoas que foram rotuladas como *Outras*, racialmente, quanto das riquezas extraídas da terra - ouro e prata, e os produtos das casas grandes.

[Música]

**John Biewen:** Junto com o comércio internacional de escravos, vem o surgimento do mercantilismo, uma espécie de capitalismo recém-nascido baseado na busca pela riqueza nacional. Os mercantilistas acreditam que, para acumular mais dinheiro e poder, uma nação precisa ir além das suas fronteiras em busca de mais e mais trabalhadores e matérias-primas. Burden-Stelly diz que esta ideia parecia urgente especialmente para um futuro império global.

**Charisse Burden - Stelly:** Porque, como sabemos, a Inglaterra, por exemplo, é uma pequena ilha qualquer [risos]. Eles não têm muitos recursos naturais e, portanto, há um imperativo particular de sair de lá para extrair recursos de outros lugares.

**John Biewen:** O casamento entre o capitalismo mercantil extrativista e o interesse nacional assume uma forma literal na Companhia Britânica das Índias Orientais da Inglaterra. Fundada em 1600, esta empresa vai apoderar-se de grandes áreas do subcontinente indiano e do Leste Asiático, colonizando a região para extrair algodão, seda, açúcar, chá, e especiarias. Outras potências européias entram na concorrência: os holandeses e, mais tarde, os franceses com sua Companhia Francesa das Índias Orientais.

**Charisse Burden - Stelly:** Portanto, a lógica do capitalismo é acumular. E assim, quando tudo é convocado para este objetivo específico, então não há mais limites. Não há nada que esteja fora dos limites. Tudo existe para ser descoberto, para ter dono, para ser roubado, saqueado, e para o vencedor vai o espólio. Mas também há um sistema de valores. Há todo um sistema de valores construído em torno dessa compreensão particular. E assim a natureza, igual a conceito da raça e os *outros*, deve ser conquistada, dominada e disciplinada....

[Música]

**Charisse Burden - Stelly:** E cada vez mais nossa inovação tecnológica visa a tornar esse conceito mais eficiente e possível.

**John Biewen:** A tecnologia, com certeza, foi mais uma ferramenta de expansão e dominação do mundo ocidental. Aquela explosão inicial de colonização de longa distância, em lugares como a África e o Caribe, dependia das armas superiores da Europa: melhores espadas e armas de fogo, navios construídos para navegar o



oceano e equipados com canhões de longo alcance. Mas a professora, Kate Rigby, de quem ouvimos no primeiro episódio, aponta para o século seguinte e para a onda muito maior de invenções e descobertas.

18:42

**Kate Rigby:** Eu acredito que a ruptura, de fato, acontece durante a Revolução Científica, acontece, na verdade, no século XVII.

**John Biewen:** Ela diz que foi aí, quando os pensadores da elite ocidental realmente articularam a ruptura da humanidade com o resto da natureza e nosso domínio sobre ela.

**Kate Rigby:** Eu não digo isso porque não respeito a ciência. A ciência é incrível, a ciência é fantástica. Mas o contexto cultural dentro do qual o projeto da ciência foi enquadrado foi aquele em que figuras-chave - Bacon, Descartes - assumiram uma visão humano-chauvinista agressiva.

**John Biewen:** O francês, Descartes, escreveu em 1637 que os seres humanos deveriam usar a ciência para se tornarem "os mestres e possuidores da natureza". Bacon, o filósofo inglês e funcionário do governo muitas vezes chamado de o fundador do método científico, chegou depois:

**Kate Rigby:** ...Quem realmente define essa relação de domínio em termos de maestria e até escravidão. E ele diz que, por meio da ciência, do conhecimento, os seres humanos ganharão o poder dado por Deus, seu domínio que se estenderá por todo o universo.

**John Biewen:** Bacon escreveu que a natureza pode ser vista com mais clareza "sob restrição e atormentada" ... "pela arte e pelas mãos do homem".

**Kate Rigby:** A natureza não revela seus segredos facilmente e tem que ser forçada a revelar seus segredos. E isso, eu penso que teria sido horrível, pois, certamente o Basil teria pensado que é uma ideia absolutamente terrível! Era uma maneira totalmente nova de enxergar a natureza.

[Música]

**John Biewen:** Repare-se que Basílio, o bispo e teólogo do século IV, escreveu cheio de entusiasmo sobre a natureza. Francis Bacon tem seus defensores. Ele também escreve com profundo respeito sobre a natureza, e alguns estudiosos dizem que

ele queria que as pessoas usassem a ciência para construir uma sociedade melhor - até mesmo para recuperar, de alguma forma, o Jardim do Éden. Mas muitos dos primeiros pensadores modernos da Europa pareceram tirar aquela velha autorização do livro do Gênesis – domínio - dando-lhe um novo selo de aprovação, assim como as pessoas do mundo ocidental começaram a inventar novas ferramentas para exercer o domínio. Outro filósofo inglês extremamente influente, John Locke, escreveu em 1690, "Deus... deu o mundo aos homens... para que se servissem dele para o maior benefício de sua vida e de suas conveniências. "Ele disse que terras que não são usadas são desperdiçadas. Por exemplo, Locke escreveu sobre" as florestas selvagens e resíduos não cultivados da América".

[Música some]

[Pausa]

21:58 **John Biewen:** Com o capitalismo racial as classes dominantes da Europa parecem juntar essas peças de reposição culturais do passado recente e distante: a exploração brutal da raça inferior. A conquista do infiel. O patriarcado. Domínio sobre a terra e suas criaturas não-humanas. Eles constroem uma cultura dominante e dominadora, dedicada, acima de tudo, para extrair e acumular. Coisas, fortuna, poder. Conforme-se evidenciou nos anos de 1600 e posteriormente, a tecnologia, tornando-se cada vez mais potente e destrutiva, alimenta o impulso. Por séculos, a visão predominante sobre esta história, entre aqueles de nós, no ocidente rico, foi assim...certo?

**Laura Ingraham:** Tem gente que acredita - e eu diria - que o mundo inteiro foi remodelado por pessoas que roubaram terras dos outros. Quer dizer, é chamado de conquista...

**John Biewen:** Laura Ingraham, da Fox News, resumindo esta perspectiva em seu podcast em 2019.

**Laura Ingraham:** Quer dizer, o mundo é assim.

**John Biewen:** Não são apenas comentaristas nacionalistas brancos. Alguns acadêmicos também dizem que o ocidente não é distinto por causa da sua cultura de cobiça e afastado do resto da natureza. Talvez tenha sido apenas um acidente geográfico que levou à lacuna tecnológica, e o resto foi inevitável. Isto é, mais ou

menos, o argumento que o geógrafo e historiador Jared Diamond fez em seu livro aclamado da década de 1990 chamado, *Armas, Germes e Aço*. Em 2005, este livro foi gravado como uma série de filmes pela National Geographic e da PBS. [Música do filme] Diamond disse que era fácil para estocar grãos nutritivos que eram nativos dos lugares onde os primeiros europeus viviam e, assim, guardar comida.

**Jared Diamond, documentário "Armas, Germes e Aço":** Pessoas que permaneceram como caçadores-coletores não podiam produzir tanta comida quanto os fazendeiros, e também não podiam produzir muitos alimentos que pudessem ser armazenados. Eles sempre ficariam numa desvantagem crônica.

**John Biewen:** Diamond disse que o acesso as melhores safras ajudou algumas culturas a construir civilizações mais especializadas, onde algumas pessoas aproveitaram do tempo e materiais para inventar coisas, como espadas e armas mais eficazes. Assim, estas sociedades, e principalmente os reinos europeus, transformaram-se em impérios, potências conquistadores, extraindo riquezas da terra, porque *eles podiam*. Eles foram apenas os primeiros a descobrir como fazer isto. Porém, se a implicação é que outros teriam feito o mesmo, Charisse Burden-Stelly diz que tal ideia é uma suposição enorme a impor sobre todas as culturas humanas. Poderia ser a verdade para aquelas civilizações ricas da África Ocidental pré-colonial?

**Charisse Burden - Stelly:** Então, se o Império Songhai, por exemplo, tivesse se desenvolvido, fosse mais avançado tecnologicamente, não há nada a indicar, necessariamente, que teria gasto todos os seus recursos tecnológicos e científicos em armas e navegando os mares para dominar outras terras. Eis a dimensão ética. Não é só o "gênio" dos europeus, em particular. Entendeu? Não é o "gênio" único dos portugueses e espanhóis e britânicos da época, mas também o objetivo.

[Música]

**John Biewen:** O objetivo. O motivo. O impulso. Foi uma decisão coletiva de que nossas ações são valiosas. Embora não se trata apenas de ter os meios. Também refere-se a cultura, certo?

25:30 **John Biewen (interview):** Em outras palavras - vou dizer o seguinte: se os povos indígenas na América do Norte e na América do Sul, se alguém tivesse

apresentado a eles a oportunidade, 'Olha, vocês podem embarcar em navios e viajar para dominar outras pessoas e vocês podem tomar suas terras e explorar seus recursos naturais, 'eles teriam feito isso?

**Enrique Salmón:** É uma boa pergunta. Não sabemos com certeza. Nunca saberemos com certeza.

**John Biewen:** Aqui é Enrique Salmón.

**Enrique Salmón:** Estou aqui em San Leandro, Califórnia. Fica na região da baía, ao sul de Oakland. É no país de Chochenyo Ohlone. Eu sou Rarámuri. Somos uma das maiores tribos indígenas da América do Norte. Temos cerca de setenta mil pessoas localizadas em Chihuahua, México, na Sierra Madres.

**John Biewen:** Salmón ensina no departamento de Estudos Índios Americanos na Cal State University East Bay. Ele ressalta que os povos indígenas no que chamamos América do Sul fundiam metais, ouro e cobre já em 2000 aC - principalmente para fabricar objetos religiosos e ornamentais.

**Enrique Salmón:** Por quê eles não chegaram ao ponto de fabricar armas de metal e, daí, começarem a expandir seus impérios dessa forma? Nós não sabemos. Os astecas criaram um grande império que subjuguou muitos povos. É um dos exemplos mais negativos no continente norte-americano. Entretanto, eu olho para a cultura Anasazi no sudoeste americano, ou o que chamamos de Puebloans Ancestrais, que teve uma civilização bastante extensa que se espalhou a partir da região dos Quatro Cantos. Este povo optou por não criar ou se desenvolver como um império subjugador. As razões para isto podem ter base em conceitos espirituais ou baseadas na kincentricidade,....

**John Biewen:** Enrique falou uma palavra que precisa ser explicada: "kincentricamente". "Parentesco" como parentesco, família. Ele cunhou o termo "Ecologia Kincêntrica" num artigo acadêmico - investigando como os povos indígenas vêem o que ele chama de "a relação homem-natureza".

28:03

**Enrique Salmón:** É uma relação que enxerga o mundo natural que nos rodeia como um parente direto. Se pudéssemos pensar assim, como as comunidades indígenas americanas têm feito por milhares de anos, isto vai

influenciar diretamente nas nossas escolhas e práticas em relação à forma que produzimos alimentos.

**John Biewen:** E em todas as nossas interações como criaturas terrestres e não humanas. Salmón escreve com riqueza de detalhes sobre seu próprio povo. Dado o que já dissemos sobre a história da criação no Livro do Gênesis, este relato me pegou de pronto: a história da criação do povo Rarámuri.

**Enrique Salmón:** Resumindo a história: houve uma grande enchente....

**John Biewen:** A enchente acabou com o surgimento de outras pessoas mais antigas, salvo duas crianças, um menino e uma menina. O Criador deu sementes às crianças e disse-lhes para plantar as sementes na terra úmida. Uma planta brotou, uma planta que eles não tinham visto antes. Então, muitas dessas plantas surgiram e elas cresceram mais altas.

**Enrique Salmón:** Certo dia, enquanto as crianças olhavam as plantas, eles viram cabelos saindo de cima delas. Daí, uma cabeça apareceu e, depois, um corpo. E o mesmo começou a acontecer com todas as plantas, as novas plantas de milho, ou *sunú*. E hoje, devemos nossa existência ao milho. Somos filhos do milho. Nós surgimos, literalmente, das espigas do milho. E, como resultado, é um aspecto fundamental da cultura e sociedade Rarámuri. Desempenha um papel em quase tudo o que fazemos.

**John Biewen:** Bem diferente da história bíblica de um Deus todo-poderoso criando o mundo do nada, incluindo os seres humanos, e nos colocando no comando de tudo. Enrique diz que, na maioria das histórias de origem indígena, outras criaturas terrestres conhecidos dão à luz à humanidade.

**Enrique Salmón:** Ao leste de San Leandro, há comunidades Yokut que devem o surgimento das primeiras pessoas do solo do Vale Central na união entre a Águia e Coiote. Ao norte, no noroeste do Pacífico, há histórias do Corvo desempenhando um papel importante na criação das primeiras pessoas. Posso continuar com um montão de exemplos em que o mundo natural desempenhou um papel direto na criação da gente. E, como resultado, nos sentimos responsáveis pelo cuidado permanente daquilo que nos trouxe aqui.

[Música]

**John Biewen:** É uma cultura "baseada na responsabilidade". É mais uma frase usada por Salmón para definir uma relação "kincêntrica" com o mundo natural. Ao contrario do mundo ocidental: lembre-se, mesmo de volta ao inicio do cristianismo, Agostinho disse que os animais não tinham alma. Enrique diz que a maioria dos povos indígenas acredita, como ele, que "tudo que respira tem alma", incluindo coisas que, segundo nossa ciência, não respiram literalmente - como pedras e a terra. Ele reconhece que "alma" é apenas a palavra mais próxima que pode encontrar no idioma do inglês para designar um espírito que permeia o mundo em muitas culturas não-ocidentais.

**Enrique Salmón:** Em nosso idioma, nos referimos a esta alma como *iwi*. Pessoas que passaram algum tempo no Havai, talvez, reconhece a palavra, *mana*. Ou mesmo as pessoas que gostam dos filmes Star Wars, seria chamada a Força [risos]. Outro exemplo são as pessoas que estudam as artes marciais do Leste - *ochi*. Todas essas palavras se convergem para a mesma ideia de que existe uma força vital que permeia tudo. Gosto de pensar nisso também como respiração, porque todos nós precisamos da respiração. Nossa respiração é a mesma das plantas, dos animais, das rochas, dos insetos.

[Música]

[Som: Um trator à distância]

32:26

**David Pecusa:** Eu plantei milho amarelo aqui mesmo. Eles são como raios amarelos brotando para fora. Não foram expostos ao sol, então ainda são brancos. Daí, uma vez que eles ficam expostos, vão começar a ficar verdes.

**John Biewen:** David Pecusa, na nação Hopi, inspecionando plantas que acabaram de se subir do solo arenoso.

**David Pecusa:** Mas se você quiser prová-lo.

[Som: David mastigando um broto]

**David Pecusa:** Na primeira subida, é como se fosse todos os seus nutrientes, tudo o que vai ser, realmente compacto e é bem doce. É como se fosse toda a sua energia, como o broto vai se crescer. Eu posso provar

seu futuro ou algo assim [risos]. Eu poderia provar seu futuro, o que será. E quando o pólen do milho sai, quando o milho está em plena polinização, quando você desce por aqui você pode cheirar aquele milho grosso. Sabe? E quando você inalar, você pode sentir o gosto doce na sua língua. Daí, eu fiquei pensando e disse, *ah, é assim que eles comem, é assim que os espíritos comem*. Quando eles vêm, eles sentem o gosto no ar. Eu podia sentir e provar o gosto e, naquele momento, eu disse na minha cabeça, *vixe, eu quero milho ...*

[Música]

**John Biewen:** Amy, o povo de David, os Hopi, são primos próximos da tribo de Enrique Salmón no México, os Rarámuri. E os Hopi são descendentes dos Puebloans Ancestrais de que falou Enrique.

**Amy Westervelt:** Eles foram as pessoas com uma grande civilização localizada no que é agora o sudoeste dos EUA e que remonta a vários milhares de anos. Eles tiveram comércio com outras tribos, mas não se tornaram conquistadores violentos de outros povos. E, como podemos observar com David, os Hopi, até hoje, mantêm seu profundo compromisso cultural de cuidar da terra.

**John Biewen:** Sua relação “kincêntrica” com outras coisas naturais.

**Amy Westervelt:** Certo. Eu adoro isso. Então, olhando para a história que você contou até agora ao longo desses dois episódios: É sobre uma cultura em evolução na Europa e parece ter camadas que se somam ao longo do tempo para levar o ocidente aos seus erros. Portanto, não foi apenas a ideia bíblica de "domínio". Não apenas patriarcado. Não apenas o impulso colonizador, ou a supremacia branca. Mas junta tudo isso e joga lá dentro uma porção enorme do capitalismo e pronto. Aqui estamos.

**John Biewen:** Sim. E olhando para a história, uma coisa é falar sobre o que aconteceu. Explicar por quê aconteceu é, geralmente, mais complicado e sujeito a debate. E vamos ser claros: ninguém está dizendo que o ocidente inventou a violência, a hierarquia, a escravidão, a exploração e assim por diante.

**Amy Westervelt:** Claro. A maioria das culturas ao longo da história humana fez coisas assim e de várias formas. Mas parece inegável que o mundo ocidental, que se auto-descreve como “branco”, desenvolveu uma cultura que ficou muito, muito

confortável justificando sua própria agressão e domínio - sobre quase tudo e todos.

**John Biewen:** Veja as linhas que as pessoas do ocidente traçaram ao longo do tempo, outra vez, nem todas exclusivas do ocidente. Mas as linhas entre homens e mulheres. Uma linha religiosa, cristã e não cristã. "Branco" e não branco. A humanidade contra todo o mundo natural que é "menos" humano. Estamos deste lado, você está do outro, e somos de alguma forma mais importantes e reivindicamos o direito de controlar e subjugar você.

**Amy Westervelt:** Sim. E tudo isso mesmo antes de chegar ao capitalismo. Caramba! A ideia central do capitalismo é extrair lucro do trabalho das pessoas e dos chamados "recursos naturais". Então, uma sociedade de capitalistas zelosos que reivindicam o domínio dado por Deus sobre a terra? É uma receita para o desastre ecológico.

**John Biewen:** Há mais terreno a percorrer. Ainda não chegamos totalmente ao Iluminismo, muito menos à Revolução Industrial e tudo em torno dos combustíveis fósseis. Mas eu quero enfatizar mais alguma coisa: definitivamente não estamos dizendo, e ninguém que eu entrevistei está dizendo que há algo diferente, inerentemente, sobre os europeus, ou sua progênie de colonos como nós aqui nos EUA.

**Amy Westervelt:** Sim.

**John Biewen:** Não somos pessoas aquisitivas ou dominadores inerentemente.

**Amy Westervelt:** Certo. Por exemplo, este tipo de alegação, muitas vezes, anda de mãos dadas com alegações racistas sobre as características "inatas" de outros grupos raciais ou étnicos, e não estamos traficando tais ideias. Entendeu?.

37:38 **John Biewen:** Certo. Mas a acadêmica Charisse Burden-Stelly, que estuda o capitalismo racial, aponta para outra razão para não entreter a noção de que somos apenas assim e por completo.

**Charisse Burden - Stelly:** Sim, e eu acho que quando fazemos argumentos essencialistas, tipo, "os europeus brancos são assim", que os absolvemos, de certa forma, no sentido de que realmente não designamos as formas como esses processos são em progresso. Correto? Que essas coisas são—



são escolhas e éticas, epistemologias e políticas que pessoas escolhem todos os dias. E que todos os nossos sistemas alternativos estão sendo atacados por causa das escolhas em curso daqueles poucos que governam.

**Amy Westervelt:** Ela menciona “sistemas alternativos sendo atacados”. E, como dissemos, esta série se chama “O Reparo” porque queremos explorar o que seria necessário para nos salvar, especialmente aqueles de nós em países como os EUA que criaram essa crise ecológica. E vamos ser claros: per capita, nós, nos EUA, ainda estamos no topo, ou perto do topo, como emissores de gases de efeito estufa. Também somos os maiores responsáveis pelas emissões históricas, a causa das mudanças climáticas agora.

**John Biewen:** Sim.

**Amy Westervelt:** Então, se estamos tentando encontrar soluções, qual é a lição do episódio? Precisamos ser mais como David Pecusa? Pode ser possível para gente que não tem fundamento na tradição espiritual profunda como a do povo Hopi?

39:16 **John Biewen:** Boa pergunta. Quando ele fala sobre os espíritos comendo pólen de milho que provam no ar, nem todos podem se identificar com isto facilmente. Mas, até algumas centenas de anos atrás, praticamente todas as culturas viam a terra e o mundo natural como sagrados, uma teia de espíritos. Grande parte da humanidade ainda o faz. Não apenas os indígenas aqui nas Américas, mas pense sobre o taoísmo na China. Ou o shinto, a religião japonesa mais antiga com seus muitos kami, ou deuses, permeando a terra.

**Amy Westervelt:** Hinduísmo. As religiões animistas da África. E você sabe, mesmo uma palavra como “animismo” só poderia ser criada no mundo ocidental moderno, após a Revolução Científica, para descrever “outras” tradições culturais “diferentes”. As pessoas que acreditam que os espíritos vivem em tudo nunca iriam dizer: "Tenho uma compreensão animista do mundo."

**John Biewen:** Certo.

**Amy Westervelt:** É só o mundo.

**John Biewen:** E como já dissemos, os europeus pré-cristãos tinham crenças semelhantes. E é certamente possível, dentro do cristianismo, reverenciar o mundo natural e querer protegê-lo e cuidar dele. Mas há uma maneira de afirmar

o que aconteceu no ocidente. Ou seja, os europeus, em geral, se convenceram, aos poucos, de que a Terra e suas criaturas não eram sagradas.

**Amy Westervelt:** Certo. As pedras não estão vivas. São apenas pedras. O solo é apenas terra. Animais, se não forem animais de estimação, são carne em potencial.

**John Biewen:** O mundo não-humano não tem valor em si mesmo e, falando nisso, nem os seres humanos que não se parecem comigo. O valor de qualquer coisa, na verdade, está no que pode fazer por mim.

**Amy Westervelt:** E você não precisa ser um indígena para saber como esta crença está errada e leva a conseqüências terríveis. Você não precisa estar embasado no que Enrique Salmón chama de uma compreensão "kincêntrica" ecológica. Compreender esta verdade é inteiramente consistente com uma compreensão secular baseada na ciência - se sua ciência não for distorcida pelas linhas falsas e artificiais que as pessoas desenharam ao longo dos séculos. Tudo que você precisa fazer é olhar ao seu redor. Tudo está conectado.

**John Biewen:** E, de qualquer forma, todos viemos de pessoas que entenderam perfeitamente que eram criaturas vivas no meio de outras criaturas vivas. Pessoas que já sabiam que suas vidas dependiam-se da boa saúde do mundo ao seu redor.

**Amy Westervelt:** É possível que um numero suficiente de nós pode se reaprender e recuperar esta verdade para exigir as transformações necessárias para salvar nós mesmos e nosso planeta?

42:05 [Música]

**John Biewen:** No próximo episódio, Amy continua com a história, olhando para as influencias do Iluminismo, esta mistura de supremacia branca, patriarcado e capitalismo. E como este aspecto moldou a maneira como os americanos, em particular, vêem o mundo natural.

[Música]

**John Biewen:** Nossa editora desta temporada é Cheryl Devall. Música de Lili Haydn, Chris Westlake, Kim Carroll, Cora Miron, Alex Weston, Lesley Barber e Fabian Almazan. Consultoria musical de Joe Augustine da Narrative Music.

Locuções de Jean-Christian Rostagni, Lawrence Baldine, Scott Huler e Dirk Philipsen. Eu fiz as gravações de David Pecusa para uma série de rádio pública chamada, Five Farms, em 2009. Você pode encontrar mais informação sobre a série no website: [fivefarms.com](http://fivefarms.com). O produtor executivo deste projeto foi Wesley Horner

Siga-nos nas redes sociais - @sceneonradio no Twitter e Facebook. O Twitter de Amy é @amywestervelt. Nosso site é [sceneonradio.org](http://sceneonradio.org). Scene on Radio é distribuído pela PRX. O programa é produzido pelo Center for Documentary Studies da Duke University.

*Tradução: Polyglot Barbershop*

[www.polyglotbarber.com](http://www.polyglotbarber.com)